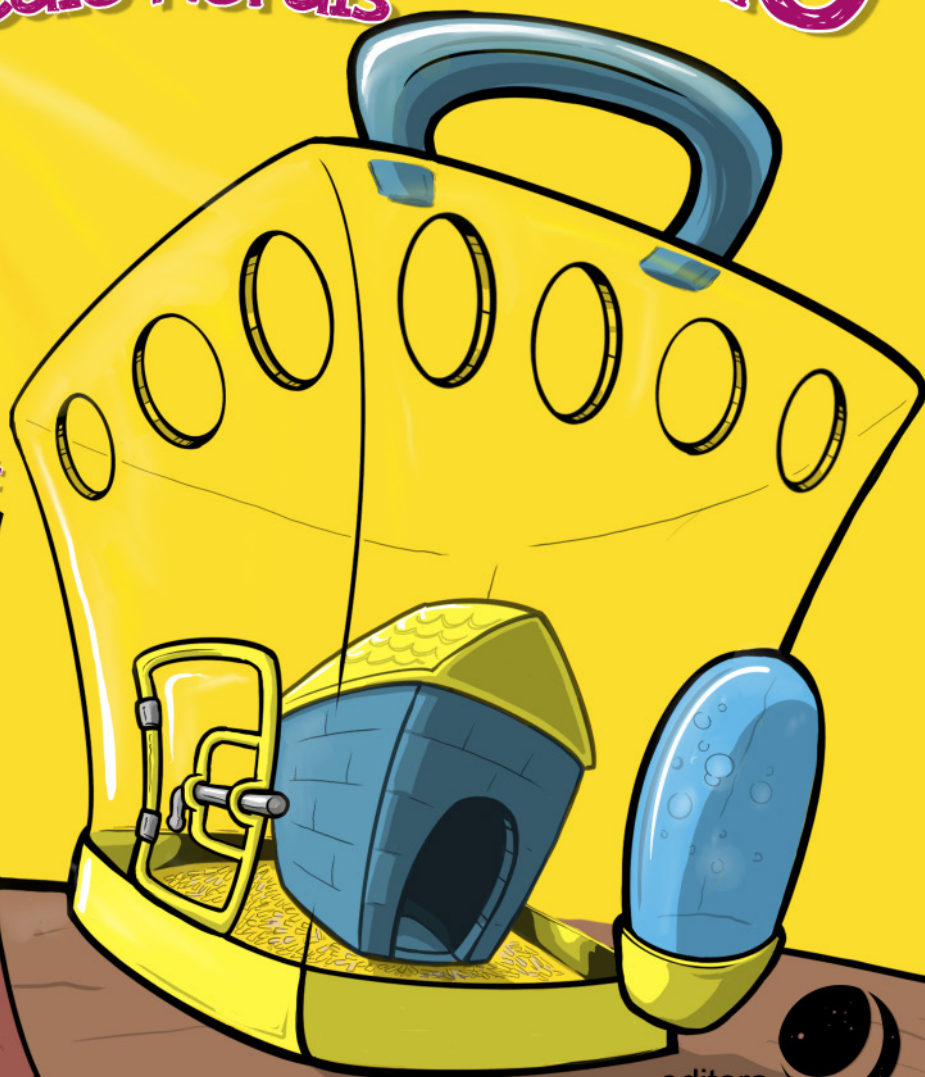


Nina & Maninho

Caio Moraes

Ilustrações de Daniel Cesart



editora
Celene



Nina & Maninho

Caio Moraes

Ilustração
Daniel Cesart

Revisão
Tiago Dantas Germano

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Morais, Caio
Nina e Maninho [livro eletrônico] / Caio Moraes.
-- Salvador, BA : Ed. do Autor, 2022.
HTML

ISBN 978-65-00-47294-3

1. Luto - Literatura infantojuvenil I. Título.

22-115390

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil 028.5
2. Literatura infantojuvenil 028.5

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Dedicado a minha filha Nina.

Nina é uma garota muito alegre e brincalhona. Uma das coisas de que mais gosta de fazer é brincar com um de seus melhores amigos, Maninho. Maninho é um hamster sírio que Nina ganhou de sua grande amiga, Lalai, quando o casal de hamsters dela teve filhotes. Logo que Maninho ficou grande o bastante, com algumas semanas de vida, ele foi morar com Nina, e isso já tinha uns três anos.

Naquela manhã de sábado, Nina acordou com muita energia, querendo brincar muito. Logo que acordou, foi dar bom dia a Maninho, como sempre fazia, mas, pela primeira vez, ele não estava lá como em todas as manhãs. Continuava quietinho dentro da sua casinha na gaiola.

— Deve ter ficado correndo até tarde na rodinha — pensou Nina — e se cansado muito. Por isso está dormindo um pouco mais. Tudo bem, vou trocar de roupa e tomar meu café da manhã. Quando voltar, ele já deverá ter saído da casinha.



Então Nina trocou de roupa, tomou seu café e, quando voltou a procurar por Maninho na gaiola, viu que ele continuava deitado na casinha... quietinho... quietinho demais...

— Será que devo acordar ele? — Nina se perguntou.

Com medo de acordar Maninho de forma muito brusca e assustá-lo, Nina abriu a gaiola bem devagar, tomou lentamente a casinha nas mãos e retirou seu tetinho com muito cuidado. Devagarinho, passo a passo, levou a casinha com Maninho dentro até seus pais, que estavam na cozinha.

— Mãe, pai, porque Maninho está assim? Está diferente... parece quieto demais...

Seus pais olharam para Maninho, depois um para o outro e depois para Nina...

— Filha — disse sua mãe —, vamos sentar lá no sofá que precisamos conversar sobre Maninho.

Todos sentaram juntos no sofá. Nina entre eles. Então, seu pai começou a falar:

— Filha, lembra quando a gente estava na praia, domingo passado, e uma onda muito forte levou o castelo de areia que você estava fazendo?

— Lembro! — respondeu Nina.

— Então, daí você já não pôde mais brincar com ele, não é?

— Sim...

— E lembra das flores que sua avó te deu depois da sua primeira apresentação de balé? — continuou o papai.

— Lembro sim! Eram pequenas e amarelinhas, e tinham folhas verde claro.

— Isso! — disse o pai — Mas, com o tempo, mesmo a gente molhando todos os dias e colocando para tomar sol, elas foram ficando de cor marrom, foram murchando e todas as folhas e flores caíram, não foi?

— Foi, papai, daí a mamãe levou elas e nunca mais eu vi minhas flores — comentou Nina.

— Então, filha — o papai continuou explicando —, assim acontece com todas coisas e com todas as criaturas vivas do mundo: algum dia elas deixam de estar aqui e a gente já não pode mais ver ou brincar com elas.

— Sim, Nina — a mamãe completou —, do mesmo jeito que todos os dias o sol levanta e passa o dia brilhando para que a gente possa brincar com ele, mas toda noite se esconde, Maninho já não vai mais poder brincar com você e, em breve, já não estará aqui para você vê-lo.



Nesse momento, Nina sentiu uma profunda tristeza porque já tinha começado a sentir saudades do seu amiguinho. Baixou a cabeça e lágrimas começaram a escorrer por suas bochechas. Seus pais, percebendo a situação, resolveram fazer algo para animar a garotinha:

— Vamos descer para a brinquedoteca, filha? — convidou a mamãe.

— Não estou com vontade... — respondeu Nina.

— Mas, filha — tentou ajudar o pai — a esta hora seus amigos do prédio devem estar brincando também. Já tem vários dias que você não os vê... nós vamos também, para que possa se animar um pouco.

— Está bem — Nina resolveu ceder para não deixar seus pais tristes.

No elevador, os três encontraram Dona Estela, uma vizinha do prédio. Ela era uma senhora de pele alvinha e cabelos bem branquinhos, encaracolados e macios, parecendo algodão doce. Seus olhos azuis estavam esbranquiçados por causa da idade avançada. Falava sempre de uma forma calma e macia, e escutá-la dava uma sensação de tranquilidade...

Logo depois de todos desejarem bom dia uns aos outros, Dona Estela olhou para Nina, se curvou um pouquinho em sua direção e disse:

— Nina, o que aconteceu? Você parece tão tristonha...

— É que meu hamster amanheceu bem quietinho, sem se mexer, e já não

vou poder vê-lo nem brincar com ele — explicou a saudosa garotinha.

— Ah! Entendi... — disse Dona Estela olhando para o papai e para a mamãe.

— Venha comigo, minha linda, vamos sentar nas cadeiras do playground que quero te contar uma historinha.

Logo, todos começaram a organizar as cadeiras em roda. Neste momento, chegou Seu Orlando, marido de Dona Estela, professor de história aposentado, com duas sacolas de feira nas mãos, e perguntou:

— Bom dia! O que está acontecendo?

— Vou contar uma historinha para Nina, querido!

— Que bom! Adoro suas histórias!



Seu Orlando puxou também sua cadeira e todos se sentaram em roda. Dona Estela começou:

— Nina, você sabia que se a gente fosse até a praia e atravessasse o mar nadando iria chegar num lugar chamado África?

— Sabia sim, vovó Estela, meus pais já me contaram isso um dia.

— Então, há muitos e muitos anos atrás, muitas pessoas que viviam na África foram trazidas para o Brasil. Quando chegaram aqui, continuaram a fazer muitas das coisas que faziam lá na terra onde nasceram e que aprenderam com seus pais e avós, e ensinaram elas para seus filhos, netos, bisnetos...para muitos deles, as coisas da natureza são deuses chamados orixás...

— Vovó! — interrompeu Nina — Meu pai me falou algumas vezes sobre os orixás...

— Que bom, Nina! Então escuta bem essa historinha que vou te contar: há muito tempo atrás, num lugar da África chamado Queto, um caçador de nome Odulecê, o líder de todos os caçadores da região, adotou uma menina e deu a ela o nome de Oiá. Ela era tão esperta e rápida que ficou famosa entre o povo de Queto. Um dia, a morte, que eles chamavam de Ikú, levou Odulecê. Oiá ficou muito triste e resolveu pensar numa forma de homenagear seu pai adotivo: juntou todo material de caça dele e enrolou tudo num pano. Também preparou as comidas de que ele mais gostava, dançou e cantou por sete dias espalhando seu canto por todos os lados.

Sua música atraiu todos os caçadores do mundo e, na sétima noite, acompanhada por eles, Oiá se meteu na mata e colocou, aos pés de uma árvore sagrada, as coisas de Odulecê. Olorum, que é o pai de todas as pessoas e Orixás, ficou tão emocionado com o gesto de Oiá que deu a ela o poder de ser guia dos mortos no caminho para o céu, que é chamado de Orum. A partir daí, todos os espíritos passaram a ser levados para o Orum por Oiá.



Nina ficou parada, olhando para Dona Estela. Seus olhinhos negros brilhando como nunca!

— Que foi, filha? — perguntou a mãe de Nina — Está tudo bem?

— O que Oiá fez foi uma coisa boa para o pai dela, não foi? Mesmo ele já tendo morrido... — comentou, com uma expressão pensativa no rosto.

Enquanto Dona Estela contava a história, a rodinha do grupo tinha aumentado. Seu Valter, o porteiro da noite do prédio, tinha terminado seu turno de trabalho e, quando passava por eles para ir embora, ouviu e se interessou pela história, puxou uma cadeira e se sentou na roda.

Seu Valter trabalhava no prédio de Nina já tinha mais de vinte e cinco anos. Seus olhos eram negros. Seus cabelos eram encaracolados e escuros, mas já com muitos e muitos fios brancos. Seus olhos eram pequenos, meio puxados e, quando sorria, ficavam ainda menores, formando ruguinhas nos seus cantinhos. Sua pele era morena, mas de um moreno diferente, meio avermelhado.

— Adorei a história, Dona Estela! Me fez lembrar da minha avó... — comentou Seu Valter, com os olhos cheios de lágrimas — Vovó Apinayé era índia Timbira e contava muitas histórias do povo dela para os netos. A gente adorava sentar aos pés dela e ouvir seus contos. Dona Estela me fez lembrar de um dos meus preferidos, sobre a Lua e o Sol.

— Conta, Seu Valter! Estou super curioso! – pediu Seu Orlando.

E Seu Valter começou a contar que a Lua e o Sol eram muito amigos e viviam juntos, fazendo de tudo pelo mundo. Um dia, a Lua morreu. O Sol passou a noite toda cantando para ela. De manhã, ele enterrou a Lua e foi embora. Mas, lá pelo meio-dia, a Lua reviveu e voltou para onde estava o Sol, que estava com a cabeça baixa, pensativo. A Lua se aproximou e perguntou:

— No que você está pensando?

— Eu estou pensando em você. Você morreu e eu fiquei sem minha amiga, sem ninguém com quem conversar...

— Eu também fiquei pensando assim... — comentou a Lua — fiquei com saudade de você... então, revivi e voltei!

— Que bom! Você chegou e agora tenho uma amiga novamente com quem conversar!

Voltaram a andar juntos pelo mundo até que, um dia, foi o Sol que morreu. A Lua cantou a noite toda para ele e, pela manhã, foi sepultá-lo, mas não foi embora e ficou ali do lado. Quando o Sol quis sair de lá, a Lua correu e empurrou ele de volta para dentro. Quando ele tentou sair por outro lugar, a Lua o impediu de novo.

— Preciso dar um jeito de voltar logo, senão não vou conseguir mais — pensou o Sol.

Daí ele viajou uns quatro quilômetros por debaixo da terra e conseguiu sair. Voltou para onde estava a Lua, triste, e disse:

— Lua, em que você está pensando?

— Estou pensando em você! Você morreu e eu fiquei sem meu amigo.

— Mas você não fez coisa boa para mim... você fez maldade... como pôde fazer uma coisa dessas? Quando alguém morre, seus parentes ficam com saudade, ficam chorando. Mas ele vive novamente e volta. Então, todos se acalmam e ficam alegres. Mas, do jeito como você fez, não foi bom! — reclamou o Sol.

A Lua respondeu:

— Mas olha, se todo mundo que morrer, reviver, não sobra espaço para os novos, tudo vai ficando sempre velho, nada muda nem se renova. E a quantidade de vivos aumentaria tanto que a comida começaria a faltar e poderia acontecer de todos quererem comer uns aos outros por causa da fome! Do jeito que fiz, seu corpo fica no chão e seu espírito vai para o Lado do Sol Poente. Vai morar lá, assim como todos os outros que morrerem... Daí podem voltar a se encontrar e continua tendo espaço e comida para todos! Então o Sol pensou e disse:

— Agora entendi! Você está certa! Eu não tinha pensado nisso!



— Que história legal! — exclamou uma voz que veio do fundo e de fora da rodinha.

— Ai, que susto! — reclamou Nina, fazendo todos rirem.

— Desculpa, Nina! — disse Abel, rindo muito.

Abel era um garoto que morava no prédio de Nina. Ele e sua família eram judeus e se mudaram para lá há mais ou menos um mês.

— Essa história me lembrou que, quando meu avô morreu, meu pai me ensinou que a morte faz a ligação entre o mundo dos vivos e o dos mortos. É tanto que a gente chama os cemitérios de “beit chai”, que significa “casa da vida” — comentou Abel.

— Que língua é essa? — Nina estranhou.

— É hebraico! — explicou o pai de Abel, que tinha chegado junto com ele da rua. — É nessa língua que nossa bíblia, que a gente chama de Torá, está escrita. Para nós, a morte faz parte da vida, mesmo que a gente só possa experimentar cada uma delas de cada vez, em separado. Por isso, quem morre deve ser sempre respeitado e reverenciado. Então, tomamos muitos cuidados para que receba todo nosso respeito: o corpo deve ser colocado no chão assim que possível, para que ele volte para a terra e seu espírito fique logo livre. Ele deve ser coberto completamente para ficar protegido, já que não pode mais se cuidar sozinho. Além disso, assim ninguém vai se lembrar dele daquele jeito, mas sim de como era quando estava vivo. Cuidamos dele

e das lembranças que temos dele! E fazemos muitas outras coisas mais, para mostrar todo nosso cuidado e carinho.

— Que bonito! — exclamou Nina com o olhar vivo e interessado — A gente deve cuidar de quem a gente gosta até nessa hora...



— Você viu, Nina? — perguntou Seu Orlando — Em todas as histórias, os vivos fazem coisas, organizam rituais, para cuidar dos mortos...

— Mas por que isso? Não quero ficar sem Maninho! Se nunca mais vir nem brincar com ele, vou sentir muita saudade! Quero continuar brincando com meu amigo! Não quero que mude!

— Mas tem um probleminha, linda Nina! Tudo na vida muda: a gente nasce, vira criança, adolescente, adulto, fica velhinho e, um dia, deixa de estar no mundo... e isso acontece com tudo que existe. A primavera vai embora e chega o verão; um ano se vai para que o outro chegue. Pessoas solteiras se casam, pessoas casadas se separam. Mulheres engravidam e muitos se tornam pais. Assim, tudo o que existe vai se renovando. Novidades acontecem em cada etapa, como quando chega uma encomenda nova para você na portaria do prédio. Você vai correndo abrir o pacote e fica toda contente com aquela novidade que chegou! — comentou Seu Orlando, com um delicioso sorriso no rosto. — O mundo vai se renovando sempre! O velho precisa ir para o novo chegar.

Nina escutou com uma expressão pensativa no rosto.

— E mais, quando alguém querido vai para o Orum ou para o Lado do Sol Poente, como dizem os índios Timbira, isso parece uma coisa ruim de todo... mas, veja, por causa de Maninho, todos nós nos reunimos aqui pela primeira vez... e aqui estamos, todos juntos nessa deliciosa rodinha. E, por isso, quando a gente se encontrar de novo, já vai ser diferente... vamos olhar uns para os outros de um jeito especial, vamos nos sentir mais próximos...

Nesse momento, todos ficaram em silêncio e se olharam. Dona Estela estava com um sorriso enorme no rosto e lançou um beijo para seu marido.

Nina parecia mais pensativa que nunca. Seus pais se perguntavam o que ela estava pensando. Seu Valter, claramente emocionado, tinha os olhos molhados de lágrimas. O pai de Abel abraçou o filho carinhosamente pelo pescoço e lhe deu um beijo na cabeça. Seu Orlando sorria...



— Então, é isso! — disse Nina repentinamente.

— Ai, que susto! — disse Abel dessa vez.
Todos riram.

— O que, filha? — perguntou a mãe de Nina.

— O Maninho só morreu se eu quiser que ele tenha morrido! — disse Nina, com tanta certeza que todo mundo se assustou.

— Como assim, minha filha? — perguntou seu pai.

— Claro, gente! Em todas as histórias, as pessoas continuam existindo em algum lugar, de algum jeito. Como o sol, mamãe: que depois de se esconder, de noite, volta no outro dia para a gente admirar e brincar de novo. Bom... quase como o sol... porque a gente pode ver ele com os olhos quando volta, depois da noite...

Todos olhavam para Nina com caras de admirados, alguns até pareciam confusos. Seus pais quase não se aguentavam de tanto orgulho.

— Então, se eu cuidar dele direitinho agora, e guardar ele na minha cabeça e no meu coração, Maninho vai estar junto comigo sempre! Porque, mesmo que eu não possa ver o Maninho com meus olhos, posso encontrar com ele na minha imaginação e continuaremos brincando por lá!

Nesse momento, admirados com as conclusões de Nina, muitos não

conseguiram segurar o choro. Mas ela não parou por aí.

— Mas como eu posso cuidar bem dele agora? — ela se perguntou em voz alta. — Papai! Será se a gente pode pesquisar na internet como os hamsters vivem na natureza? Talvez assim eu possa aprender mais sobre o Maninho. — Claro, filha! Vamos olhar aqui no celular... — respondeu o pai.

E assim fizeram. Na internet, leram muitas coisas interessantes sobre esses animaizinhos.

— Já sei o que vamos fazer! — falou Nina — Mas temos que ir logo enquanto ainda é dia! — e, se voltando para todos do grupo, continuou — Gente, muito obrigada! Amei todas as histórias! Me ajudaram muito!

E assim Nina, seu pai e sua mãe deram início aos cuidados a Maninho. Colocaram ele numa caixa, e dirigiram por um tempo até uma área de mata. Ainda era fim de tarde e os hamsters são animais noturnos, ou seja, dormem de dia e ficam acordados à noite. Nina imaginou que, como ele estava muito quietinho e ainda estava claro, era como se dormisse. Quando acordasse, iria ver e adorar sua nova casa.

Procuraram uma árvore frutífera, que ficasse perto de muitas flores, num lugar bem tranquilo. Isso tudo porque os dentes dos hamsters crescem a vida toda e eles precisam roer coisas duras, como a casca das árvores, desgastando eles para não crescerem demais. Além disso, na natureza, os hamsters comem frutas e, apesar de enxergarem mal, farejam e escutam muito bem. Então, o lugar tinha de ser tranquilo para seus ouvidinhos e

cheiroso para agradar seus focinhos.

Nina e os pais encontraram uma linda mangueira, enorme, com muita sombra e carregada de mangas. Tinha várias delas espalhadas pelo chão também. O pai até aproveitou para catar algumas. Nina foi até a mangueira e cavou um buraco em forma de toca entre as raízes fortes da árvore, pois os hamsters vivem em tocas quentinhas e confortáveis.



Nina pegou Maninho da caixa com muito carinho. Antes de colocá-lo na toquinha nova, quis lhe dizer algumas palavras:

— A gente ficou junto por alguns anos e, todo esse tempo, brincamos muito. Brincar com você era uma das coisas que eu mais gostava de fazer, por isso, vou sentir muito a sua falta. Sempre vou lembrar de você com carinho e da melhor forma possível! Mas eu entendo que precisa ir... e sei que, onde quer que esteja, vai estar bem, porque é assim que vou te imaginar sempre!

Quando colocou Maninho dentro da nova toca, sentiu um apertinho no coração e os olhos se encheram de lágrimas. Aquilo não foi legal de sentir, mas ela sabia o nome do que estava sentindo: era saudade. Com as histórias, ela aprendeu que a saudade chega na hora de se despedir e fica por um tempinho, mas alguma hora vai embora, mesmo que voltasse de vez em quando. Mas que também era bom de sentir porque ia fazer Nina se lembrar sempre do seu Maninho e, assim, ele iria continuar presente para ela... os dois se vendo e brincando juntos para sempre em sua imaginação!

Caio Moraes. Baiano da gema, psicólogo clínico, mestre em neuropsicologia, professor, sócio fundador do Instituto Luria de Neuropsicologia em Salvador-BA e, acima de tudo, pai de Nina.





Nessa história, Nina, uma garota muito esperta e alegre, precisa lidar com a perda de um pequeno grande amigo: seu hamster Maninho. Para isso, recebe apoio dos seus pais e vizinhos que lhe apresentam visões diferentes acerca da morte e distintas formas de encará-la e de lidar com ela. Todos lhe contam histórias que a ajudam a compreender o sentido da finitude, da relação entre o velho e o novo, o papel da saudade e a pensar numa forma de lidar de uma maneira bacana com a ida do seu amiguinho. Também lhe ajudam a perceber que até a perda pode ter um lado bom. É um livro para todas as idades que busca a colaborar na lida com um dos temas mais difíceis para o ser humano.

editora
Celene

ISBN: 978-65-00-47294-3

